



Encontro com o escritor José Manuel Mendes *

Ana Gabriela Macedo

Dizer que o poeta que vou apresentar hoje na **Biblioteca de Famalicão** por ocasião da *X Feira do Livro* desta cidade dispensa apresentação, soa a lugar comum, mas é porém, neste caso, afirmação genuína e sentida. O José Manuel Mendes, homem público, poeta, romancista e cronista repetidas vezes premiado, traduzido e reconhecido muito além das fronteiras do nosso por vezes demasiado estreito Portugal, é por todos nós sobejamente conhecido e apreciado, se bem que nunca o seja por excesso.

A sua presença afável, o discurso atento e rigoroso na análise dos desmandos e desvarios do nosso quotidiano de cidadãos e cidadãs tornam igualmente a sua voz próxima de muitos de nós que a escutamos regularmente nas crónicas da Rádio. E é um pouco este multifacetismo da personalidade do escritor José Manuel Mendes que eu aqui gostava de sublinhar. Porque é fácil ser um homem da política e apenas da política. É fácil (ou *relativamente fácil* ser um homem das Letras e apenas das Letras). Ou mesmo um gestor cultural

* Intervenção nas Jornadas de Leitura Solidária, realizada na Biblioteca Municipal de V.N. de Famalicão, em 24 Abr. 1998.

(e estou a pensar na “Associação Portuguesa de Escritores”, a cuja promoção o José Manuel Mendes se tem vindo a devotar há já vários anos, quer na qualidade de Presidente, quer na de Director da Revista de inegável qualidade “O Escritor”). Porém, dizia eu, ser assumida e generosamente todas estas coisas é que já é substancialmente invulgar e obriga, necessariamente, a uma grande dádiva e exigência de si próprio.

Mas falemos do escritor. Os críticos falam de contenção, de poética do silêncio, de essência de infinitos, de “exploração ao limite do poder metafórico da palavra”, ou bem de “espaço de melancolia e encantamentos” quando se referem à sua poesia. É certo, diria eu, pensando por exemplo nos belíssimos *Presságios do Sul* premiados em 1995 e recentemente reeditados. E cito a este propósito as palavras de um outro e grande poeta, António Ramos Rosa, numa recensão de *Presságios do Sul*: “José Manuel Mendes é, essencialmente, um poeta da terra e esta (...) é o corpo de um desejo que tem por objecto a totalidade terrestre na sua diversidade em que se manifesta a unidade viva do real” (JL,143/4, Jan. 1997).

Veja-se a título de exemplo deste lirismo sóbrio o poema “Sorver a brandura da cor” em *Presságios do Sul* (p.61):

Sorver a brandura da cor/ e o aplacado incêndio/ dos pássaros/ na areia/ o musgo/ a voz subtil e antiga/ transindo o coração da pedra/ antes das luzes: / olhos sonhando/ o alvorecer dos barcos

Ou ainda, do mesmo volume, “Tanto limo à flor do espelho”(p.63):

Tanto limo à flor/ do espelho: / teus olhos baços/ onde um rio largo/ tumultua/ querer-te-ia/ na noite mansa: / movendo as barcas / à luz da lua/ um cigarro arde/ entre mim e ti: / serenidade de cal/ e entardecer/ o tempo de novo/ se entumece/ e amadurece/ as cerejas/ por haver

Mas é agora desse outro escritor “terreno” e “solar” (agora com o ...) que vou brevemente falar. Refiro-me a *O Rio Apagado; Acasos e Travessuras*, publicado em 1997. Que o poeta veja como uma *travessura* a escrita destas belíssimas, ora burlescas ora pungentes páginas, crónicas de vida e gentes quotidianas, não é de espantar no contexto de uma vasta obra poética, porém, *acasos*, seguramente não o são, atrever-me-ia eu a dizer. São textos incisi-

vos, de prosa limpa e ritmo sincopado, tal como muitas das vidas agrestes de que nos dão conta estes relatos. Vejamos por exemplo um breve extrato do texto “Se os homens fossem cães” (p.45):

Uma imperial, um tiro. Dois tiros aqui para a mesa. É assim, cá nós entendemos. Mas ainda a propósito da sua pergunta. ...Maluqueiras minhas, desculpe. (...)

Ou ainda, num outro tom, mais lírico e evocativo de mundos e outros sonhos diversos, tal como em “Um lugar oposto ao Sol” (p.37):

Voa em direcção ao sul. O crepúsculo recobriu-se de vento, uma estrela irá nascer enquanto observa os trigais e, mais a leste, a falda que antecede o vale. (...)

O Rio Apagado é um livro que se lê de um fôlego, tal é o prazer que a sua leitura engendra ao longo destes dez relatos que criam entre si uma tão diversa unidade. É uso o termo *leitura* aqui no seu sentido mais dinâmico, em que o leitor é activamente levado a participar no universo ficcional, tornando-se igualmente *criador* ou personagem desses espaços imaginários. O leitor acaba assim partilhando com o autor da convicção de que a fronteira entre o real e a fantasia é por vezes tão ténue que, como se lê na epígrafe de Jorge Semprún que José Manuel Mendes após ao seu texto, “La realidad suele precisar de la invención para tornarse verdadera”.

Para terminar, direi apenas que, quer como poeta, quer como prosador, José Manuel Mendes comunica o gosto lúdico pela escrita e como tal, pedagogicamente, pela leitura, reinventando com mestria e singular sensibilidade, a cada passo e em cada novo texto, como diria poeticamente Roland Barthes, a “realidade irreal da linguagem”.